FLUMINENSE – "O PRIMEIRO URBANISTA DE FORTALEZA"

Rubens Falcão

O ano de 1825 foi trágico para o Ceará, perseguido por uma das maiores secas de que há lembrança. "Debaixo da candente abóbada dum forno",(1) a terra abrasada testemunhava, amargurada e impotente, o tremendo flagelo. Por toda parte era a morte e a desolação, a tristeza e a dor. A fome, a sede e a peste, com o seu imenso cortejo de miséria, devastavam os rebanhos. Cadáveres de homens, mulheres e crianças juncavam as estradas, oferecendo o mais sinistro dos espetáculos. E, como se tudo isso não bastasse para confranger os corações, no **Campo da Pólvora,** hoje **Passeio Público,** eram fuzilados o Padre Gonçalo Inácio de Loyola Albuquerque Mororó, o Coronel João de Andrade Pessoa Anta, o Major Luís Inácio de Azevedo e seus companheiros Francisco Miguel Pereira Ibiapina e Feliciano José da Silva Carapinima. O crime desses patriotas foi haverem aderido ao sonho da **Confederação do Equador.** A Comissão Militar, à frente o Tenente-coronel Conrado Jacob de Niemeyer, os condenara à morte por enforcamento. Mas não houve quem se apresentasse para verdugo, nem mesmo,entre os presidiários da cadeia pública conseguira a famigerada Comissão recrutar quem executasse a pena. Refere a História que o Padre Mororó, homem de insólita bravura e extraordinário sangue frio, não consentira lhe vedassem os olhos. Dirigindo-se aos seus algozes, bradara-lhes: "Camaradas, o alvo é este;" e, levando a mão ao peito: "Tiro certeiro, que não me deixe sofrer muito".

Nesse recuado tempo, aportava a Fortaleza ANTÔNIO RODRIGUES FERREIRA, natural de Niterói, onde nascera em 1801, segundo se deduz de uma publicação de próprio punho em jornal da terra. Estava com 25 anos de idade.

---

(1) Guerra Junqueiro – "A Fome no Ceará".

Que reação teria sido a sua em' face daqueles graves e tristes acontecimentos? De que maneira teriam influído tais fatos no seu jovem espírito? O certo é que ali permaneceu até o fim da sua vida, integrado na comunhão cearense. Não há notícia de que houvesse algum dia tornado à terra de origem. O destino trabalhara para que elegesse Fortaleza a sua segunda pátria, se, como disse o poeta, "a pátria é onde melhor a vida temos. . ."(2) E foi, sem dúvida, o mais prestante dos seus cidadãos, com inexcedíveis qualidades de administrador e acrisolado sentimento do dever. Era respeitado e admirado pela sua lealdade ao partido **caranguejo**, a que se filiaria em luta com os **chimangos**. A política era, então, diferente, os homens possuiam convicção, não mudavam, como hoje, de partido; ainda não era conhecida a palavra **barganha**. . . Aquele homem "feio, um pouco baixo, magro, moreno, narigudo, cabelo quase à escovinha", que "trajava mal e era inseparável de uma luneta de ouro, que não tirava do olho direito e o afeava ainda mais, um tanto fanhoso como Gambeta ou José de Alencar",(3) exerceu influência positiva na política da Província.

Mas, que razão ou razões teriam levado FERREIRA a Fortaleza? Que motivo ou motivos tê-lo-iam feito deixar a terra-berço, o seu emprego, embora modesto, de caixeiro numa farmácia da Corte? A Fortaleza da época não superava, em adiantamento, a algumas povoações do interior da capitania: Icó, a sua capital econômica; Sobral, Aracati. . . População muito pobre, não iria além de dois mil habitantes; casas desconfortáveis e baixas; ruas mal calçadas e tortas; "o povo, profundamente ignorante, vegetando numa vida de subserviência, inconsciente dos seus direitos e prerrogativas, sofria com submissão a tirania dos tempos".(4) Nada, pois, oferecia que pudesse atrair o interesse ou mesmo a curiosidade do moço fluminense. Mas estava escrito que ele teria de partir, visto que ninguém foge ao seu destino. . . O proprietário da farmácia, um "exaltado liberal", com a dissolução, em 1823, da Constituinte, começou a ser perseguido por causa das suas idéias. E, como a corda estoura sempre do lado mais fraco, o obscuro caixeiro, que nada tinha com a coisa, "é agarrado para recruta e recolhido à cadeia pública."(5) Uma violência como outras muitas, um inocente punido sem culpa, uma vítima da prepotência e da arrogância de quem pode e manda. . . Fale por mim, neste passo, o Desembargador

(2) Gonçalves Dias.
(3) Desembargador Paulino Nogueira.
(4) Cruz Filho – "História do Ceará".
(5) Desembargador Paulino Nogueira.

Paulino Nogueira, um dos fundadores do Instituto do Ceará e seu presidente em 1877:(6) "Felizmente a violência durou pouco. O general Catete, amigo do farmacêutico, fê-lo evadir-se pela grade da prisão, tão magro ele era, e refugiar-se a bordo de um navio mercante que estava a largar para o Recife. O comandante, a quem o moço havia sido recomendado, recomendou-o também, por sua vez, ao negociante português daquela praça, Manoel Gonçalves da Silva, que o acolheu benevolamente em sua casa. Por felicidade sua, achava-se igualmente hospedado na mesma casa o cônsul português em Fortaleza, "Manoel Caetano de Gouvêa, que com ele simpatizou, convidou-o e trouxe-o para seu caixeiro. Foi a fortuna de ambos. Mal pensava Gouvêa que trazia em sua companhia um homem superior, que lhe havia de ser tão útil e seu amigo! Mal pensava também o desventurado caixeiro que o destino o levava para a sua terra prometida! É que assim tinha de ser. Atirado nas plagas cearenses, como o náufrago em terra estranha, vai ele agora transformar-se no benfeitor da humanidade, no chefe político incomparável."

Emigrado muito cedo da Corte e, como dissemos, não tornando mais a revê-la, havendo perdido a mãe, D. Marcolina Rosa de Jesus, com apenas sete anos e igonorando o paradeiro do pai, praça do Exército, de quem herdara o mesmo nome, e que "desertara na campanha contra Artigas, não dando mais sinal de vida,"(7) foi logo aproveitado por Manuel Caetano de Gouvêa na farmácia que mantinha este na capital. O sítio era, então, um areal conhecido por **Feira Nova**, com "mongubeiras, castanheiros e oitizeiros. Cercavam-no pilares de cimento que eram conhecidos por frades de pedra. No centro havia enorme cacimbão com chafariz ao lado. As casas comerciais e a estação de bondes de burro mandavam amarrar os animais que traziam gêneros do interior e os burros de tração ou parelhas aos frades de pedra".(8) A farmácia, como ainda hoje no interior do Brasil, era ponto de reunião dos políticos e onde se falava dos costumes e sucessos da terra. Não faltavam a esses encontros o pároco, o juiz de direito e o promotor. . . **"Ferreira Boticário** chamavam-no vulgarmente, e a **Botica** ficou sendo visada pelos seus adversários como a inspiração mesma das coisas do partido. **Partido da Botica** era como, sarcasticamente,

(6) Preside hoje o Instituto o General Dr. Carlos Studart Filho, antropólogo e historiador, descendente de uma ilustre e tradicional família da terra —a do Barão de Studart.

(7) Abelardo Montenegro — "A Praça do Ferreira".

(8) Abelardo Montenegro — op. cit.

se referiam aqueles ao grupo do grande Bernardo de Vasconcelos no Ceará."(9)

Em 1827 FERREIRA decidira casar-se, fazendo-o, como escrevera então, "com uma cearense muito pobre", D. Francisca Áurea de Macedo, natural de Aracati.

Embora gozando da confiança do patrão e conhecendo o ofício que praticava, sentia faltar-lhe alguma coisa para que pudesse exercê-lo sem constrangimento: o título de habilitação. E foi ainda graças à influência de Gouvêa que obteve do Protomedicato do Recife licença para se estabelecer. A sua **Botica** era no mesmo local onde está situada a farmácia **Galeno**, uma tradição da cidade. **FERREIRA**, além de hábil farmacêutico, tinha notável intuição clínica. A mulher do patrão, desenganada pelos médicos, foi salva por ele, tendo esse fato lhe aumentado o prestígio e o conceito no meio da sua clientela.

Em 1842 era eleito vereador à Câmara Municipal e, já no ano seguinte, conduzido à presidência, em reconhecimento das suas raras qualidades de liderança e aos serviços prestados ao seu partido. Por um golpe muito rude haveria de passar então: a morte da companheira, de quem se pode dizer que a "sua atividade era subterrânea, mas admiravelmente eficiente através de uma renúncia muda, feliz e constante, do anonimato e do sacrifício. Não queria da vida senão a alegria e o reconhecimento dele". Sem convolar novas núpcias, manteve-se durante 18 anos como vereador e presidente da Câmara. A sua atuação nesse período, quando mandou levantar a planta da cidade, é assim descrita por Gustavo Barroso: "Aumentou-lhe as ruas. Modificou o traçado defeituoso de outras. Demoliu vielas e becos esconsos. Abriu praças ou alargou e regularizou outras, como a que tomaria seu nome, pondo abaixo o chamado beco do Cotovelo que a cortava em diagonal e levando-a até a antiga rua Pará. Desapropriou a linha de casebres denominada Quartos do Agostinho, em face da velha praça Carolina, para no seu terreno levantar o edifício da Assembléia Provincial. Também limpou a praça da Sé da velha casaria de taipa que a constrangia e enfeava. Fez novo alinhamento na praça do Garrote, mais tarde dos Voluntários da Pátria. Ajudou a construir a Santa Casa de Misericórdia. Cavou e revestiu de aduelas e margelas de pedra de Lisboa um grande cacimbão, a fim de fornecer água aos moradores, em cada uma das

(9) Raimundo Girão — "Cidade da Fortaleza".

principais praças da cidade. Lançou a pedra fundamental da capela de Nossa Senhora das Dores, que se tornaria a igreja atual do Coração de Jesus. Introduziu outros muitos melhoramentos na cidade de que foi o primeiro urbanista."(10) Poucos anos haviam decorrido da morte desse extraordinário benfeitor, escrevia o sábio suíço Luís Agassiz quando da sua estada na pequena urbe, entre 1865/66: "Gostei do aspecto da cidade do Ceará. Agradaram-me as suas ruas largas, limpas, bem calçadas, ostentando toda sorte de cores, pois as casas que as ladeiam são pintadas dos mais variados tons. Aos domingos e dias de festa, todas as sacadas se enchem de alegres toaletes, e grupos masculinos enchem as calçadas, conversando e fumando. O Ceará não tem esse ar triste, sonolento de muitas cidades brasileiras; sente-se, aqui, movimento, vida e prosperidade. Fora da cidade o traçado das ruas se continua através dos campos, que belas montanhas limitam ao longe. Na frente da pequena cidade corre uma extensa praia e o barulho do mar, batendo nos recifes, chega até o quarteirão central."(11) É de justiça se acentue a grande contribuição do engenheiro pernambucano Adolfo Herbster, que, contratado para dirigir as obras da Província, "elaborou um novo mapa da cidade, pelo qual prosseguia, nas zonas de expansão, no respeito ao plano enxadrezista."(12) Conta-se que Freire Alemão, quando andava pelo Ceará chefiando a Comissão Científica de Exploração, fora muito ajudado por ele.

Uma face do caráter de ANTÔNIO RODRIGUES FERREIRA, salientada pelos poucos que dele se ocuparam, é o da prática da caridade. Esta ele a exercia sem ostentação, modesta e discretamente. À pobreza envergonhava, a viúvas e órfãos que batiam à sua porta, nunca deixou de estender a mão benfazeja. E o que é para admirar é que, somente após o seu falecimento, vieram os mais próximos a conhecer a legião enorme dos seus assistidos. Certa feita extravasara: "Sou demais conhecido, não vivo nem tenho família que pretenda viver à custa da nação; nunca percebi um só ceitil que não fosse por meio de minha profissão; nunca tive a fofa pretensão de querer figurar na cena política; portanto, não sou ganhador, sou devotado ao meu partido por princípios e simpatia, tenho consciência de lhe ter prestado todo apoio que me tem sido possível, com a melhor boa fé e lealdade."(13)

---

(10) Gustavo Barroso — "À margem da história do Ceará".
(11) Raimundo Girão — op. cit.
(12) Raimundo Girão — op. cit.
(13) De uma citação do Desembargador Paulino Nogueira, que menciona a folha onde o escrito fora estampado: o jornal "Pedro II", de 18 de junho de 1852.

Os últimos tempos do **Boticário** foram-lhe de intensa e profunda amargura. Além da perda da mulher, cuja saúde sempre lhe inspirara cuidados, tão débil ela era, e sem descendência, começou a ver, não tendo como evitá-lo, o esfacelamento do seu partido. De outro lado, a ingratidão de alguns amigos e correligionários a quem ajudara, feria-lhe fundo a alma dolorosa. Aquele homem forte, de brônzea energia, habituado à luta desde a juventude; vitorioso em todas as pugnas, começava a baquear. Era visível o seu desmoronamento. Até que, às 9 horas do dia 29 de abril de 1859, vítima de um aneurisma da aorta, deixava de existir. Não completara 60 anos. Dois dias antes daquele, ditara ao tabelião o seu testamento, aberto no mesmo mês pelo Juiz Provedor de Capelas e Resíduos. Ao pai, se existisse ao tempo da sua morte, legava todos os seus bens. FERREIRA fora sepultado no Cemitério de S. Casimiro e, em 1880, transportados os seus ossos para o Cemitério de S. João Batista.

A praça que tem o seu nome é o mais importante e movimentado dos nossos logradouros, onde surgem e de onde se irradiam todas as boas e más novas. O turista que chega a Fortaleza quer logo conhecê-la, atraído pela sua fama. É "a sede do Ceará-Moleque e o coração da cidade", (14) palco de alegres e tristes eventos, onde até o sol é vaiado quando tarda a aparecer e as pobres avezinhas, quando se enlaçam nos fios da iluminação...

Ela é a única em todo o mundo.(15)

(14) Abelardo Montenegro — op. cit.

(15) COMUNICAÇÃO AO INSTITUTO HISTÓRICO DE NITERÓI, EM SESSÃO DE 2 DE JUNHO DE 1976.